

FOGO

MAYA BANKS

FOGO

Tradução de
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

Título original: *Burn*

Autora: Maya Banks

© 2013 by Maya Banks

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa,
exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

www.bertrandeditora.pt

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: Shutterstock Images

Revisão: Rita Pina

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

1.^a edição: janeiro de 2014

Depósito legal n.º 366 501/13

ISBN: 978-972-25-2747-7



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós.

Para a minha «família» que, apesar de não ser de sangue,
não deixa de ser família.

CAPÍTULO 1

Ash McIntyre encontrava-se de pé no passeio de betão de Bryant Park, com as mãos nos bolsos, respirando o ar da primavera. Havia ainda uma sensação de brisa fresca que denunciava que o inverno ia dar o seu lugar à primavera. À sua volta, as pessoas, sentadas em bancos e em cadeiras à mesa, a beber café, trabalhavam em portáteis ou ouviam *iPods*.

Estava um dia maravilhoso, mas ele não era o género de pessoa que apreciasse um passeio pelo parque, ou mesmo *estar* no parque, sobretudo durante as horas de expediente, que habitualmente passava entrincheirado no gabinete a telefonar, a redigir *e-mails* ou a planear viagens. Não era um homem que «parasse para cheirar rosas». Mas hoje estava inquieto e reservado. Tinha muito em que pensar e dera por si ali, embora não tivesse planeado ir até ao parque.

Faltavam poucos dias para o casamento de Mia e de Gabe e o seu sócio só pensava nos preparativos do casamento, para garantir que Mia ia ter o casamento dos seus sonhos. E Jace? O seu outro melhor amigo e sócio estava numa relação *muito* séria com a sua noiva, Bethany. O que significava que os seus dois amigos estavam ocupados com outros assuntos.

Quando não estavam a trabalhar, estavam junto das mulheres, e Ash apenas os via no escritório ou quando se encontravam todos depois do trabalho. Continuavam muito amigos, Gabe e Jace garantiam que estavam de pedra e cal e que ele fazia parte das suas vidas em mudança. Mas não era a mesma coisa. E apesar de ser bom para os seus amigos, Ash ainda não se habituara à rapidez com que a vida deles se alterara ao longo dos últimos oito meses.

Não era a sua vida que estava a ser alterada, mas era estranho e constituía uma mudança. Não é que não estivesse feliz pelos amigos. Eles eram felizes e isso fazia-o feliz. Mas pela primeira vez desde que começaram a ser amigos, ele encontrava-se na posição de espectador, a observar do lado de fora.

Os amigos discordariam com veemência. Eles eram a sua família. Muito mais do que a família de gente doida que ele passava a maior parte do tempo a evitar. Gabe, Mia, Jace e Bethany, mas *especialmente* Gabe e Jace, não aceitariam que ele dissesse que estava na periferia. Eram os seus irmãos para todos os efeitos. Mais do que se fossem irmãos de sangue. O laço que os unia era inquebrável. Mas as coisas tinham mudado e, sim, ele *estava* na periferia. Continuava a fazer parte, mas de uma forma muito diferente e com menor significado.

Durante anos, o lema fora «viver plenamente e ser livre». Ter uma relação mudava um homem. Alterava as suas prioridades. Ash sabia-o. Compreendia. A sua opinião sobre Gabe e Jace seria mais negativa se eles não dessem prioridade às suas mulheres. Mas isso deixava-o fora do circuito. Era o pneu sobresselente. E essa não era uma posição confortável.

O que tornava a situação ainda mais difícil era o facto de, até Bethany aparecer, Ash e Jace partilharem a maior parte das suas mulheres. O mais frequente era foderem as mesmas mulheres. Parecia uma estupidez que Ash não soubesse como agir fora de um trio sexual, mas era assim.

Estava inquieto e nervoso, à procura de algo, mas não fazia a mínima ideia de quê. Não queria o que Gabe e Jace tinham — ou talvez quisesse mas não tivesse noção disso. Só sabia que não estava em si e isso não lhe agradava.

Era uma pessoa determinada. Sabia precisamente o que queria em cada momento e tinha dinheiro e poder para fazer que as coisas acontecessem. Não faltavam mulheres dispostas a dar-lhe o que ele queria ou precisava. Mas de que lhe valia isso se nem fazia ideia do que queria ou do que precisava?

Percorreu o parque com os olhos e observou os carrinhos de bebés empurrados por mães ou por amas. Tentou imaginar-se com filhos, um pensamento que o fez estremecer. Tinha trinta e oito anos,

quase trinta e nove, uma idade em que a maioria dos homens já tinha assentado e constituído família. Mas ele tinha passado os vinte anos e uma boa parte dos trinta a esfalfar-se, juntamente com os seus sócios, para que o negócio fosse o sucesso em que se tornara. Sem ter recorrido ao dinheiro da família, às suas relações, e sobretudo sem a sua ajuda.

Talvez o odiassem por isso. Porque ele empinara o nariz e os mandara passear. E o seu maior pecado foi ter sido mais bem-sucedido do que eles. Tinha mais dinheiro e poder do que o próprio patriarca da família, o seu avô. Na verdade, o que tinha feito a sua família além de viver à custa da generosidade do velhote? O seu avô vendera o seu negócio de sucesso quando Ash era ainda criança. Ninguém na família trabalhara um único dia durante a vida.

Abanou a cabeça. Sanguessugas de um raio. Todos. Não precisava deles. E também não queria ter nada que ver com eles. E agora que os ultrapassara — e ao avô — não ia permitir que entrassem na sua vida para beneficiar do que ele conquistara.

Deu meia-volta, tinha mais que fazer do que ficar pregado no raio do parque a pensar, como se precisasse de psicoterapia. Tinha de se recompor e concentrar na única coisa que não sofrera alterações, o trabalho. A HCM Global Resorts tinha projetos em diversos estádios de desenvolvimento. O hotel de Paris estava garantido depois de terem substituído os investidores que desistiram. Estava tudo em movimento e a evoluir positivamente. Não era uma boa altura para se descuidar, sobretudo agora que Gabe e Jace não podiam dispensar tanto tempo ao trabalho como no passado. Ash era o único que não andava distraído com a sua vida privada, e tinha de assumir o comando. Era preciso apoiar os amigos, para que pudessem ter uma vida além do trabalho.

Quando se preparava para iniciar o caminho de regresso, reparou numa jovem que se encontrava sentada, sozinha a uma mesa, afastada do núcleo principal. Deteve-se a observá-la com atenção, interiorizando a sua aparência. Uns longos cabelos loiros sacudidos pelo vento revelavam um rosto de uma beleza surpreendente e uns olhos impressionantes, que não o deixavam indiferente apesar da distância a que se encontrava.

Vestia uma saia comprida da moda, que redemoinhava ao vento expondo-lhe uma boa parte das pernas. Uns chinelos reluzentes adornavam-lhe os pés, e ele conseguia ver até as unhas pintadas de cor-de-rosa e um anel que brilhava num dos dedos de cada vez que se mexia para mudar de posição. O sol refletia-se numa pulseira que usava no tornozelo, atraindo ainda mais a sua atenção para as pernas esguias.

Desenhava, com a testa franzida pela concentração enquanto o lápis corria sobre a folha, e ao seu lado tinha um saco completamente cheio de rolos de papel que saíam por fora.

Mas o que mais atraiu a sua atenção foi a gargantilha que trazia ao pescoço. Não lhe ficava bem. A sua análise foi imediata. Era muito justa e assentava precisamente na concavidade do seu pescoço delicado. Não lhe *ficava* bem. Não tinha nada que ver com ela.

Dava muito nas vistas. Era uma gargantilha de diamantes, obviamente cara e provavelmente não era falsa, mas não condizia com o resto. Era exuberante, parecia fora do lugar. A sua curiosidade não parava de aumentar porque, quando via uma mulher com uma joia daquelas, para ele tinha um significado diferente do que para a maioria das pessoas, e foi assaltado pelo interesse de saber se era de facto uma coleira ou se era apenas um acessório escolhido por ela. Se era uma coleira, o homem que lha oferecera fizera uma péssima escolha, revelava que não a conhecia, ou talvez não se tivesse preocupado em saber se um adorno tão importante ficava bem à mulher que chamava sua.

Se Ash chegara àquela conclusão depois de a observar por breves instantes, por que raio o homem que fazia amor com ela não tinha visto o mesmo? Talvez a coleira fosse apenas o reflexo do homem que a dominava, o que demonstrava arrogância e idiotice. A coleira devia ser um sinal do modo como cuidava da mulher que lhe era submissa, da maneira como lhe tocava, e devia condizer com a mulher que a usava.

Eram demasiadas suposições. Podia apenas tratar-se de um simples colar que ela mesma escolhera. Mas para alguém como Ash aquela joia era mais do que um simples acessório.

Não fazia ideia de quanto tempo estivera a observá-la, mas, como se o tivesse pressentido, ela olhou para ele e arregalou os olhos, ao

mesmo tempo que uma espécie de pânico se apoderou do seu rosto. Fechou repentinamente o caderno de desenho e começou a guardá-lo no saco. Foi-se levantando enquanto continuava a meter coisas no saco, e ele apercebeu-se de que ela estava de saída.

Antes que se tivesse apercebido, ele avançou apressadamente, intrigado. As suas veias foram percorridas pela adrenalina. A caçada. A descoberta. O desafio. O interesse. Queria saber quem era aquela mulher e o que significava aquela coleira.

Caminhava na sua direção tendo noção de que se *significasse* aquilo em que pensava, estava a invadir o território de outro homem, mas estava a borrar-se.

Abordar a submissa de outro dominador era uma daquelas regras que não precisavam de estar escritas, mas regras não eram para Ash. Pelo menos as que não tivessem sido definidas por ele. E aquela mulher era bonita. Intrigante. E talvez fosse o que procurava. E como poderia saber se não se aproximasse antes de a deixar fugir?

Já estava perto quando ela se voltou de repente, com o saco na mão pronta para partir, e quase lhe bateu na cabeça com a sua. Sim, ele estava mesmo a invadir o seu espaço e tinha sorte se ela não gritasse para todo o parque a ouvir. Devia parecer um predador prestes a atacar.

Ele ouviu-a inspirar ruidosamente enquanto dava um passo atrás e batia com o saco na cadeira de onde acabara de se levantar. O saco virou-se e ela largou-o, deixando cair tudo o que se encontrava lá dentro. Lápis, pincéis e papéis voaram por todo o lado.

— Raios — resmungou ela.

Inclinou-se imediatamente para apanhar os papéis e correr atrás de um que o vento arrastara alguns metros.

— Eu apanho tudo — gritou ela. — Não se incomode, por favor. Ele alcançou a folha, apanhou-a e voltou-se para ela.

— Não é incómodo nenhum. Peço desculpa se a assustei.

Ela soltou uma gargalhada e estendeu a mão para agarrar a folha.

— Pode crer que me assustou mesmo.

Ele baixou os olhos, observou o desenho que estava a devolver-lhe e pestanejou surpreendido quando viu a sua imagem no papel.

— Mas que raio? — murmurou ele, ignorando a forma apressada como ela tentava agarrar o desenho.

— Devolva-mo, por favor — pediu, numa voz suave e urgente.

Parecia assustada, como se fosse perder a cabeça. Mas ele estava fascinado com a estrutura delicada que ela acabara de expor através do *top* largo quando estendeu a mão para agarrar a folha.

Vislumbrou uma tatuagem vibrante e colorida no lado direito do seu corpo. Como ela. Foi uma visão breve, mas suficiente para perceber que era florida, semelhante a uma trepadeira, e que provavelmente continuaria para cima ou para baixo. Ou talvez em ambos os sentidos. Desejou ardentemente poder ver mais, mas ela baixou o braço e o *top* voltou a cair sobre o cós da saia comprida, impedindo-o de ver mais além.

— Porque estava a desenhar-me? — perguntou, curioso.

As faces dela encheram-se de calor e ficou rosada. Tinha uma pele clara, ligeiramente beijada pelo sol, mas com aqueles cabelos e aqueles deslumbrantes olhos cor do mar estava lindíssima. *Ela* era bonita. E muito talentosa.

Desenhara-o na perfeição. Reconhecia-se claramente no desenho a carvão. Com a sua expressão pensativa, o olhar distante. Desenhara-o enquanto ele estivera ali, de pé, com as mãos nos bolsos. Num momento de autorreflexão que era evidente no desenho. Sentia-se embaraçosamente vulnerável por uma estranha ter conseguido captar o seu estado de espírito em escassos minutos. Por o ter visto naquele momento de fragilidade e ter captado o que ele escondia do resto do mundo.

— Foi só um impulso — defendeu-se ela. — Desenho muitas pessoas. Objetos. Tudo o que cativa a minha atenção.

Ele sorriu, sem deixar de a fitar. Os seus olhos eram tão expressivos, que podiam engolir um homem inteiro. E a maldita da gargantilha continuava a provocá-lo com um sem-número de possibilidades.

— Isso quer dizer que cativei a sua atenção.

Ela corou mais uma vez. Era um rubor de culpa, mas simultaneamente revelador. Ela não parava de o analisar, da mesma forma que ele a analisava a ela. Talvez o fizesse com mais subtilidade, mas subtilidade não era o forte de Ash.

— Parecia perdido — deixou escapar. — Tem feições marcantes. Eu estava em pulgas para as passar para o papel. Tem um rosto muito interessante e era evidente que estava a pensar em muitas coisas. As

peessoas ficam mais expostas quando pensam que não estão a ser observadas. Se estivesse a fazer pose, o retrato teria ficado diferente.

— Está muito bom — disse ele pausadamente, baixando os olhos para voltar a observar o desenho. — Tem muito talento.

— Já mo pode devolver? Estou atrasada.

Ele voltou a olhar de forma inquiridora.

— Não parecia estar de saída até me ter visto caminhar na sua direção.

— Já passou algum tempo. Nessa altura não estava atrasada, agora estou.

— Está atrasada para quê?

Ela franziu o sobrolho, e os seus olhos brilharam, contrariada.

— Não me parece que isso lhe diga respeito.

— Ash — disse ele, quando ela parou de falar. — O meu nome é Ash.

Ela assentiu com a cabeça mas não disse o nome dele. E ele teria dado tudo para ouvir o seu nome saído dos lábios dela.

Estendeu a mão e roçou os dedos na coleira que ela trazia ao pescoço.

— Isto tem alguma relação com o teu atraso?

Ela deu um passo atrás com um ar carrancudo.

— O teu dono está à tua espera?

Ela arregalou os olhos e levou instintivamente os dedos à coleira, onde os dele tinham roçado há segundos.

— Como te chamas? — perguntou-lhe, perante o seu silêncio. — Eu disse-te o meu nome. Retribuir é sinal de educação.

— Josie — respondeu ela, num sussurro. — Josie Carlysle.

— E quem é o teu dono, Josie?

Ela semicerrou os olhos, agarrou no saco e meteu lá dentro os últimos lápis.

— Não tenho dono.

— Nesse caso, interpretei mal o significado da coleira?

Ela voltou a passar os dedos pela coleira e o seu gesto deixou-o nervoso. Queria tirar-lha. Não lhe ficava bem. A coleira de uma submissa devia ser escolhida com cuidado. Tinha de condizer com a sua personalidade. Ser concebida especialmente para ela e não para qualquer uma.

— Não interpretaste mal — respondeu ela, numa voz rouca que o deixou arrepiado. Só a sua voz era suficiente para seduzir um homem em apenas alguns segundos. — Mas ninguém é dono de mim, Ash.

E pronto. Finalmente, ali estava o seu nome nos lábios dela. Atingiu-o profundamente e encheu-o de uma satisfação inexplicável. Queria ouvi-lo mais uma vez. Quando ele lhe desse prazer. Quando tivesse as mãos e a boca no corpo dela, arrancando-lhe suspiros sussurrados de prazer.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Então foste *tu* que não compreendeste o significado da coleira? Ela riu-se.

— Não, mas ele não é meu dono. Ninguém é dono de mim. Foi um presente. Que eu decidi usar. Apenas isso.

Ele inclinou-se e desta vez ela não recuou. Fitou-o, irradiando curiosidade e até mesmo expectativa. Ela também a sentiu. Aquela atração magnética entre eles. Teria de ser cega e estar em negação para não a sentir.

— Se usasses a minha coleira, saberias que me pertencias — disse por entre dentes. — Além disso, não irias arrepender-te nem por um segundo de te teres entregado inteiramente a mim. Se estivesses ao meu cuidado, pertencer-me-ias definitivamente. Sem dúvida alguma. E não hesitarias se te perguntassem quem era o teu dono. Nem responderias que tinha sido um presente como se não fosse mais do que uma joia escolhida num impulso sem pensar. Teria um significado, Josie. Significaria *tudo* e tu sabê-lo-ias.

Ela arregalou os olhos e riu-se mais uma vez, com os olhos a brilhar.

— Então é uma pena não ser tua.

Voltou-se e afastou-se apressadamente, com o saco a tiracolo, deixando-o ali especado, com o desenho que lhe fizera.

Ele viu-a afastar-se, com o cabelo pelas costas levantado pelo vento, os chinelos a brilhar e a pulseira no tornozelo a tilintar enquanto caminhava. Depois, olhou para o desenho que tinha na mão.

— É mesmo uma pena — murmurou.